

LITERATURA, IMAGINAÇÃO, LEITORES E ESCOLA: ENCONTROS E DESENCONTROS.

ANDRESSA DIAS KOEHLER (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO).

Resumo

“João amava Teresa que amava Raimundo / que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili / que não amava ninguém... .” Os encontros e desencontros relatados em *Quadrilha*, de Drummond, me serviram outrora para refletir sobre a forma como nos encontramos com a Literatura em momentos de nossa vida – escolar ou não. Há encontros devidamente programados, arquitetados; há outros que acontecem ocasionalmente. Há alguns que, por motivos diversos, não chegam a suceder. Partindo dessa reflexão, esta comunicação tem por objetivo compartilhar algumas experiências e proposições que resultaram em minha dissertação de mestrado, na Universidade Federal do Espírito Santo, entre 2006 e 2008. O estudo de caso, realizado em uma escola estadual do município da Serra, ES, bem como o aporte teórico de autores como Antônio Cândido, Vigotsky, Boaventura, Bakhtin, Ginzburg, Alfredo Bosi, dentre outros, foram norteadores para algumas conclusões sobre o papel das aulas de Literatura na escola e a relação entre alunos e o ambiente da biblioteca. Esta pesquisa buscou, como questão central, compreender em que medida as aulas de Literatura potencializam expectativas geralmente associadas à experiência literária. Expectativas essas que, segundo alguns autores, estão associadas a um poder humanizador, manifestado a partir do encontro dialógico entre leitor e texto literário. Não um encontro qualquer, mas aquele capaz de levar o leitor a liberar a imaginação, a vivenciar experiências estéticas, a conhecer diferentes culturas em seus aspectos históricos e sociais, a dialogar com diferentes textos e linguagens, bem como a trabalhar a subjetividade, a capacidade de fruição e interpretação textual.

Palavras-chave:

ENSINO DE LITERATURA, LEITURA LITERÁRIA, IMAGINAÇÃO E LITERATURA.

Hoje, uma quarta-feira como muitas outras, abri a tela do computador para tecer o que faltava deste texto.

Em momento leve de distração, pus-me a reler, em uma segunda tela, uma história que havia conhecido alguns anos atrás, no assento da faculdade de Letras. *Continuidad de los parques*, de Julio Cortázar, me conduziu, mais uma vez, a um momento tão único e epifânico, que resolvi trazê-lo para compartilharmos como chá da tarde servido para início de conversa...convido o leitor a acompanhar-me nessa releitura...

“Começara a ler o romance dias antes. Abandonou-o por negócios urgentes, voltou à leitura quando regressava de trem à fazenda; deixava-se interessar lentamente pela trama, pelo desenho dos personagens. Nessa tarde, depois de escrever uma carta a seu procurador e discutir com o capataz uma questão de parceria, voltou ao livro na tranqüilidade do escritório que dava para o parque de carvalhos. Recostado em sua poltrona favorita, de costas para a porta que o teria incomodado como uma irritante possibilidade de intromissões, deixou que sua mão esquerda acariciasse, de quando em quando, o veludo verde e se pôs a ler os últimos capítulos. Sua memória retinha sem esforço os nomes e as imagens dos protagonistas; a fantasia novelesca absorveu-o quase em seguida. Gozava do prazer meio perverso de se afastar, linha a linha, daquilo que o rodeava, a sentir ao mesmo tempo que sua cabeça descansava comodamente no veludo do alto respaldo, que os cigarros

continuavam ao alcance da mão, que além dos janelões dançava o ar do entardecer sob os carvalhos. Palavra por palavra, absorvido pela trágica desunião dos heróis, deixando-se levar pelas imagens que se formavam e adquiriam cor e movimento, foi testemunha do último encontro na cabana do mato. Primeiro entrava a mulher, receosa; agora chegava o amante, a cara ferida pelo chicote de um galho. Ela estancava admiravelmente o sangue com seus beijos, mas ele recusava as carícias, não viera para repetir as cerimônias de uma paixão secreta, protegida por um mundo de folhas secas e caminhos furtivos, o punhal ficava morno junto a seu peito, e debaixo batia a liberdade escondida. Um diálogo envolvente corria pelas páginas como um riacho de serpentes, e sentia-se que tudo estava decidido desde o começo. Mesmo essas carícias que envolviam o corpo do amante, como que desejando retê-lo e dissuadi-lo, desenhavam desagradavelmente a figura de outro corpo que era necessário destruir. Nada fora esquecido: impedimentos, azares, possíveis erros. A partir dessa hora, cada instante tinha seu emprego minuciosamente atribuído. O reexame cruel mal se interrompia para que a mão de um acariciasse a face do outro. Começava a anoitecer. Já sem olhar, ligados firmemente à tarefa que os aguardava, separaram-se na porta da cabana. Ela devia continuar pelo caminho que ia ao Norte. Do caminho oposto, ele se voltou um instante para vê-la correr com o cabelo solto. Correu por sua vez, esquivando-se de árvores e cercas, até distinguir na rósea bruma do crepúsculo a alameda que o levaria à casa. Os cachorros não deviam latir e não latiram. O capataz não estaria àquela hora, e não estava. Pelo sangue galopando em seus ouvidos chegavam-lhe as palavras da mulher: primeiro uma sala azul, depois uma varanda, uma escadaria atapetada. No alto, duas portas. Ninguém no primeiro quarto, ninguém no segundo. A porta do salão, e então o punhal na mão, a luz dos janelões, o alto respaldo de uma poltrona de veludo verde, a cabeça do homem na poltrona lendo um romance."

CORTAZAR, Julio.

E a história continua dentro de meus pensamentos, na tentativa de desvendar os mistérios desse texto. Seria o homem apenas um leitor envolvido? Ou seria ele realmente a vítima a ser assassinada, e eu seria a única leitora? Quem é leitor, afinal? Quem é personagem? O assassinato foi tramado na vida real ou apenas na ficção do livro lido pelo homem do sofá? Depois de tantos devaneios, chego à conclusão de que o conto "Continuidad de los parques" relata dois acontecimentos. Em um primeiro, um homem de negócios chega em sua casa, se acomoda em sua poltrona e penetra em sua leitura de um romance. No segundo, há um crime passionai: dois amantes tramam o assassinato de um homem de negócios. A história surpreende quando os dois acontecimentos se (con)fundem: o romance que é lido pelo homem de negócios é justamente a história dos dois amantes que resolvem matar a um homem de negócios, e justamente no momento em que este está lendo um romance.

Da mesma forma o leitor que está lendo o conto se vê envolvido pelo texto. A relação dialógica estabelecida entre leitor e texto e a fusão dos espaços/tempos/personagens/enredo nos levam a pensar na linha tênue que separa e une ficção e realidade. Somos leitores e personagens ao mesmo tempo quando nos identificamos com a obra. Isso é simplesmente maravilhoso!

Mas enfim, por que lemos ficção? Por que isso é tão importante para nós? Costuma-se atribuir à leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade, sendo uma forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimento, de ampliação das condições de convívio e interação social. No texto literário, especificamente, autor e leitor partilhariam um universo fictício, um conjunto de referências culturais e uma língua. Trata-se de um discurso que se destaca pela sua elaboração artística diferenciada, capaz de despertar no

leitor algo que se costuma denominar de prazer estético. Além disso, apresenta-se como produto de uma visão ou interpretação pessoal das condições sociais, políticas e econômicas de um povo em um dado momento de sua história. Por esse motivo, a experiência literária poderia se constituir em alguns momentos como um mecanismo de questionamento ou de defesa de valores e ideais, preconceitos, limitações, conquistas e derrotas de uma sociedade ou parte dela. Desde Cervantes, compartilha-se da premissa de que lemos ficção para modificar a realidade. Já dizia o escritor Manoel de Barros "O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo".

Trazendo a discussão para a nossa sociedade, mais especificamente para o contexto escolar, há, entretanto, uma crença quase generalizada de que lê-se pouca literatura nos dias atuais, por diversos motivos, por considerarmos que as pessoas não gostam de ler ou que a literatura tem sido substituída pelos diversos veículos midiáticos e pelos prazeres eletrônicos. Acrescenta-se a isso a idéia de que a suposta falta de leitura dos estudantes estaria relacionada ao déficit de leitura por parte da família.

Culpa-se ainda a dificuldade em se ter acesso aos textos literários devido aos altos preços, ou, a falta de tempo - o fato de alguns estudantes trabalharem os impediria de se dedicarem à leitura.

Soma-se a isso fatores como a escassez de bibliotecas e os modelos de provas de vestibulares, que ainda exigem dos estudantes conhecimentos mecânicos das obras literárias, incluindo detalhes da vida dos personagens, bem como as características e a história correspondente a cada período literário. E é nesse cenário por vezes turbulento, em meio ao extensivo rol de conteúdos, divididos entre tantas disciplinas, que o espaço lúdico e fabular é, com frequência, reduzido a uma categoria secundária e a literatura, então, tratada como acessório das aulas de português para se trabalhar questões gramaticais ou interpretações textuais objetivas. A figura do livro de literatura cede o seu lugar aos resumos e aos fragmentos de textos dos livros didáticos, que tendem, em grande medida, a perpetuar essa situação, ao priorizar determinados autores para estudos diacrônicos, com base nos períodos literários, características, biografias, para supostamente oferecer uma formação literária "útil", aquela capaz de garantir boas notas nos vestibulares. Essas práticas, por sua vez, podem privar o aluno de uma efetiva leitura do texto literário e do exercício da imaginação e da criatividade.

Existe, entretanto, segundo Perrotti (1990, p. 65), "a crença generalizada na possibilidade de escola e biblioteca desempenharem um papel redentor para vencer a 'crise da leitura', pois pelo seu caráter especializado, escola e biblioteca poderiam viabilizar o processo de leitura e da formação do leitor, bem como disponibilizar o acesso aos textos literários e incentivar o uso do livro.

Diante de tantas proposições, cabe-nos repensar o papel da Literatura nas escolas, cabe-nos refletir também quais concepções de Literatura têm norteado o trabalho dos professores nesses ambientes.

Muitas são as significações comumente conferidas à palavra *Literatura*. Neste trabalho, optei pelas reflexões e concepções do poeta, ensaísta e crítico literário Antônio Cândido, que em uma de suas obras (1995, p. 242) abordou a literatura como "todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações". Ela se constitui, segundo o teórico, em um instrumento capaz de liberar a nossa criação ficcional e poética, presente em todos os seres

humanos, analfabetos ou eruditos: "Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito" (CÂNDIDO, 1995, 242).

Ao conceituar tão amplamente a Literatura e ao atribuir-lhe intenso poder no que diz respeito à liberação da criação artística em homens e mulheres, o teórico considera a Literatura como uma necessidade vital do ser humano e, portanto, um direito comum como os demais direitos humanos, o que inclui pensarmos no direito à vida, à liberdade - de pensamento, de expressão, de manifestação, de culto, de orientação sexual -, à igualdade e à dignidade, à educação, ao lazer, à saúde e a tantos outros considerados essenciais para a plenitude da vida humana. Para referir-se a esses direitos, Antônio Cândido faz uso do conceito de incompressibilidade, julgando como conquistas essenciais para garantir a sobrevivência digna dos seres humanos. Entre os bens incompressíveis o autor identifica a importância do *sonho* para as civilizações:

Alterando um conceito de Otto Ranke sobre o mito, podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Neste sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar. Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentidos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles (1995, p. 242).

Nessa perspectiva, os múltiplos caminhos que se abrem, por meio da Literatura, possibilitariam uma formação que levaria ao questionamento de verdades estabelecidas e à descoberta de outros trajetos em busca de respostas a questões historicamente postas à condição humana. Isso porque a Literatura é polifônica e dialógica, no sentido bakhtiniano, que vê no texto/discurso diferentes vozes que o constituem, de forma a reunir uma multiplicidade de pontos de vista, presentificados em cada situação específica da fala de um enunciador. As relações humanas, portanto, se constituem num diálogo contínuo, em que diferentes vozes, de diferentes lugares sócio-históricos, interagem, polemizam entre si, de forma que não há primeira nem última palavra proferida (BAKHTIN, 2003).

São essas diferentes vozes, as oscilações internas, os dramas que as personagens vivem - ora figuras estoicas, ora cheias de dignidade, ora frágeis, cômicas -, os diferentes espaços, tempos, linguagens e formas, que conferem à Literatura a sua possibilidade de levar o leitor ao liberar a sua imaginação para deixar-se envolver no universo da ficção. Ela é, nessa perspectiva, uma forma de expressão, de manifestação das emoções e a visão de mundo de indivíduos e grupos, uma arte que exercita a reflexão humana, toca as emoções e a possibilidade de compreender questões humanas além de proporcionar diferentes formas de ver e perceber o mundo, uma vez que dialoga com diferentes culturas, épocas e saberes. Tudo isso afirmaria a incompressibilidade deste bem para as pessoas.

E, estando ela tão intimamente ligada ao sonho, torna-se inevitável falarmos em *emoção, sentimento, fantasia e imaginação*.

Na perspectiva de Vygotsky, toda emoção utiliza-se da imaginação para projetar uma série de representações e imagens fantásticas, e que, é por meio da imaginação, que passa a ser apresentada a sua lei da realidade dos sentimentos:

Se pela noite em casa confundo um paletó pendurado com um homem, meu erro é evidente, já que minha vivência é falsa e não corresponde a nenhum conteúdo real. Mas o medo que experimento neste caso é verdadeiro. Deste modo, todas nossas vivências fantásticas e irreais se desenvolvem sobre uma base emocional completamente real. Por conseguinte, o sentimento e a fantasia não são dois processos isolados um do outro, mas de fato representam o mesmo processo, e temos direito de considerar a fantasia como a expressão central da reação emocional (1998, p. 264).

Ele acrescenta que a memória e a fantasia ou imaginação são funções psicológicas complexas e dialeticamente interrelacionadas: *"A fantasia não está contraposta à memória, mas se apoia nela e dispõe de seus dados em novas e novas combinações"* (1982, p. 18). Portanto, do mesmo modo que a imaginação apoia-se na experiência, a experiência pode ser construída exclusivamente a partir da mobilização do imaginário do sujeito.

Sob essa ótica, a Literatura, entendida como ferramenta capaz de liberar a imaginação e a criação ficcional e poética nos seres humanos, provocaria no leitor uma catarsis que iria além de uma reação de estímulo e resposta; as projeções feitas pelo leitor a partir de suas reflexões e emoções advindas da experiência estética poderiam levá-lo à transformação da realidade e à modificação do presente por meio de sua atividade criadora.

Com base nessas e outras leituras sobre o poder humanizador da Literatura, a questão do ensino literário foi problematizada, investigada e analisada, e resultou em minha pesquisa de Mestrado, na Universidade Federal do Espírito Santo, entre 2006 e 2008.

Para tal, foi realizado um estudo de caso em uma escola estadual do município da Serra, ES. Dentre os sujeitos envolvidos nesse trabalho participaram 220 alunos, que cursavam primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio (sendo 3 turmas de primeiro ano, uma de segundo e duas de terceiro) no ano de 2007.

Com inúmeras hipóteses e pré-conceitos em relação à leitura literária dos jovens estudantes, a pesquisa adotou como eixos centrais as seguintes questões: 1) Em que medida as aulas de Literatura potencializam expectativas geralmente associadas à experiência literária, como o prazer pela prática de leitura, como ensejo para liberar a imaginação, sonhar, vivenciar experiências estéticas, conhecer diferentes culturas em seus aspectos históricos e sociais, dialogar com diferentes textos e linguagens, bem como trabalhar a subjetividade, a capacidade de fruição e interpretação de textos? 2) Que outros usos e sentidos têm sido atribuídos à literatura, além desses? 3) Qual a relação dos estudantes com a biblioteca disponível e o trabalho do educador no sentido de aproximá-los dessas bibliotecas?

Inicialmente, a observação dos momentos e espaços escolares não me trouxe novidades, uma vez que presenciei a repetição de cenas e realidades não distantes das que vivenciei enquanto estudante de ensino médio. Períodos literários a serem memorizados, detalhes da vida de Aleijadinho e de Padre Antônio Vieira, conceitos como Barroco, cultismo e conceptismo, alguns autores e obras citados como principais, além de alunos divididos em grupos a decorar suas falas escritas em pequenos pedaços de papel. Todos ansiosos pelas notas provenientes dos

trabalhos. Enfim, os componentes necessários à encenação estavam lá: atores, cenário, figurinos, diretor, enredo, maquetes, retroprojektor, vídeo, cartazes. Senti, todavia, a falta de um elemento: o texto. O texto literário.

O texto apareceu timidamente em uma das aulas, num cartaz, e foi lido rapidamente; era o poema de Camões *Amor é fogo que arde sem se ver*, utilizado pelos alunos numa apresentação para mostrar o jogo de palavras e as antíteses.

Ao perceber a quase ausência do texto nas aulas de Literatura, passei a me questionar se valeria a pena continuar a pesquisa com os mesmos eixos norteadores com os quais iniciei, visto que até então não havia encontrado novidades em relação à prática literária na escola.

Passei então a circular pelos demais ambientes escolares, sala dos professores, pátio, cantina, cozinha, biblioteca. Neste último, comecei a encontrar pistas, vestígios do que acontecia fora das salas de aula em relação à leitura. Foi nos arquivos e fichas, um a um, que descobri uma considerável movimentação de livros literários dentre alguns estudantes.

Da literatura nacional, Monteiro Lobato foi o autor que mais circulou, com obras como *O Picapau Amarelo*, *O nascimento do Visconde*, *Urupês*, *Peter Pan*, *As caçadas de Pedrinho*, *Reinações de Narizinho*, dentre outros. Na literatura internacional, em igual número, destacaram-se as obras de Shakespeare - em primeiro lugar, *Romeu e Julieta*, seguido de *Sonho de uma noite de verão*, *A tempestade*, *Conto de inverno* e *Otelo*. De volta à literatura brasileira, as obras de Machado de Assis também circularam com frequência pela escola. *Helena*, *Cinco Histórias do Bruxo do Cosme Velho*, *Quincas Borba*, *Bons dias*, *Don Casmurro* e *Iaiá Garcia* foram algumas delas. José de Alencar marcou presença em obras como *Iracema*, *O Guarani* e *O tronco do Ipê*. J.K. Rowling e Edgar Allan Poe também foram muito procurados, em obras como *Harry Potter*, *Histórias Extraordinárias* e *Os assassinos da rua Morgue*. Destacaram-se também as obras de R. Goscinnny, dentre as quais estavam *Asterix nos Jogos Olímpicos*, *O filho de Asterix* e *Uma volta com Asterix. Agora ou Nunca*, de Ana C. Siqueira, *Noites de lua cheia*, de Elias José, *As mil e uma noites*, de Ferreira Gullar também foram emprestados aos alunos pela biblioteca ao longo do ano com certa frequência.

Senti então ter encontrado um terreno fértil a trabalhado. Várias foram as etapas, dentre elas entrevistas com os alunos, entrevista com professores, com a pedagoga da escola e com a funcionária responsável pela biblioteca.

Todas essas etapas tiveram importante papel nesse trabalho; gostaria de destacar, entretanto, algumas informações que me chamaram atenção durante entrevistas com os alunos.

Primeiramente, procurei conhecer a opinião deles em relação ao estudo da literatura na escola. A maioria se referiu a ela como instrumento para se *conhecer culturas e linguagens de diferentes lugares, para aprender histórias dos países ou aprender sobre os períodos literários*. Alguns admitiram estudar apenas para não ficarem com notas baixas.

Disseram também não conhecer os critérios de escolha dos livros, mas afirmaram acreditar na competência da escola ao fazer essa escolha, pois *ela provavelmente saberia o que seria importante para eles*. Ainda assim houve quem reclamasse das obras, alegando serem muito *infantis e de estabelecerem certos tabus*.

Ao escolherem um livro para ser lido, a maioria disse fazer essa escolha pela capa. Em segundo lugar, os "amigos" foram apontados como principais informantes de livros de literatura; em terceiro, o professor, e, com menor frequência, foram citados familiares e parentes.

Sobre o(s) fator(es) que mais dificultaria(m) ou impediria(m) a leitura de textos literários, foi apontada, em primeiro lugar, a falta de hábito; em segundo, a falta de tempo (apenas 20% desses alunos tinham vida profissional ativa). Outro grupo, em menor quantidade, afirmou priorizar as leituras de internet, enquanto outros disseram ler pouco devido ao preço dos livros. Em número menor, alguns estudantes apontaram a dificuldade de se ter acesso aos textos literários (por não terem livros em casa ou por "não gostarem" dos livros da biblioteca da escola). Apenas um aluno disse substituir suas leituras por programas de tevê e jogos eletrônicos. A escola, segundo alguns alunos, não costuma indicar livros, e quando o faz, tem como objetivo apenas avaliar os estudantes. O aspecto obrigatório dessa leitura, segundo eles, seria suficiente para prejudicar ou até mesmo impedir o seu envolvimento com o texto.

Quanto ao hábito de leitura dos pais desses alunos, foi detectado que o tipo de leitura mais praticada pelos seus pais é a de jornais. Em seguida, apareceu a leitura bíblica e a leitura de revistas. Os estudantes citaram ainda os livros de receitas, a internet e os livros técnicos. Em menor incidência apareceram os livros de literatura.

Outro detalhe importante de se destacar é que muitos dos estudantes que admitiram gostar de ler são provenientes de famílias de pouca instrução e pouca leitura, o que nos levaria a questionar a idéia comum de que uma família leitora seria requisito para a formação de um jovem leitor. Inclusive, muitos estudantes disseram ter despertado seu gosto pela leitura a partir de um empréstimo de livro de algum colega, e não por influência ou suporte da família ou da escola. Outros chegaram a demonstrar rejeição pelas leituras literárias por acreditarem que a leitura bíblica seria suficiente para suas vidas. Esses jovens afirmaram ter em família o hábito de ler somente a Bíblia e, segundo eles, qualquer outro tipo de leitura seria desprovida de "valor" e "utilidade" para eles.

Dentre as leituras dos alunos, em primeiro lugar estavam os textos literários. Houve preferência pelos livros de romance e, em segundo lugar, pelos livros de ficção e aventura. Alguns citaram as poesias. Surpreendi-me ao conhecer alunos apaixonados pela leitura literária e que relataram experiências de envolvimento com as obras, compartilhando ainda da ideia de que a literatura modificava sua forma de ver o mundo e atuar sobre ele.

Essas e outras informações serviram-me para refletir sobre a concepção de texto bakhtianiana, que o trata enquanto diálogo entre os interlocutores. A interação entre estes constituiria o princípio fundador da linguagem.

Todavia, o diálogo proposto por Bakhtin pareceu não ocorrer de forma satisfatória via aulas de literatura, mas ocorria principalmente em outros contextos, entre grupos de amigos, por exemplo, o que não excluía totalmente essa experiência do ambiente escolar. Encontrei, enfim, diversos grupos de alunos, dentre eles, 1) aqueles que praticam a leitura literária por prazer, independente do incentivo da escola; 2) aqueles que dizem não gostar de Literatura, mas que afirmaram nunca ter lido uma obra completa; 3) aqueles que liam textos literários apenas para atender às exigências da escola, fato que instigou a leitura de uns e desestimulou a de outros; 4) aqueles que haviam lido alguns livros e não se envolveram emocionalmente com nenhuma obra; 5) aqueles que dizem gostar de Literatura,

entendida mais como história da literatura do que como prática de leitura. Desse quadro, me chamou atenção o fato de que muitos desses jovens pareciam não ter sido realmente apresentados a uma leitura que lhes proporcionasse o mínimo de envolvimento. Isso me levou a refletir sobre a suposta "resistência" à leitura, comumente comentada entre professores de Língua Portuguesa. Pergunto-me se poderia chamar de 'resistência' o fato de alguns alunos não lerem ou se a 'resistência' seria com relação à disciplina de Literatura. Como um desdobramento necessário, os dois itens - 'leitura' e 'aulas de literatura' - são aqui tratados de forma diferenciada. Isso porque o fato de alguns alunos gostarem das aulas de Literatura não implicava necessariamente o seu aliciamento pela leitura. De igual modo, o encantamento com os textos literários por parte de alguns pareceu não estar vinculado diretamente às aulas da disciplina. Dentre os que sequer leram um livro que não fosse por 'obrigação', não me surpreendeu o fato de não terem se encantado com a leitura. Subentende-se, nesse caso, que o compromisso de ler para ser avaliado nos moldes da avaliação escolar tende a dificultar e até impedir um envolvimento com as obras.

Preocupou-me mais o grupo que revelou não ter lido uma única obra literária completa e, ainda assim, afirmou não gostar de ler. Comecei a perguntar, em comparação a outras expressões artísticas: poderia alguém não gostar de cinema sem nunca tê-lo visitado? Ou não gostar de uma música sem nunca tê-la ouvido? Não gostar de teatro sem nunca ter assistido a uma peça?

Percebi que muitos jovens não tiveram, de fato, um encontro com a leitura que lhes permitisse estabelecer uma relação dialógica com o texto, na qual fosse possível construir sentidos a partir da interação entre texto literário, conhecimento individual do leitor e suas experiências trazidas de outros contextos; uma experiência importante que, como sugerem Ginzburg e Bakhtin, possibilitaria um diálogo entre cultura oral e cultura erudita, o que provocaria um movimento de "circularidade", de interpenetração e interferência mútua entre texto e leitor.

A partir daí, acredito que a escolarização da leitura literária é, ainda, um instrumento poderoso para proporcionar bons 'encontros' entre leitores e textos literários, e, por conseguinte, difundir a prática de leitura por meio da formação de leitores.

É importante lembrar que a vivência de alguns alunos com a prática de leitura, independentemente da influência da família ou da escola, sinaliza que há uma receptividade e até mesmo uma procura de alguns jovens por experiências estéticas por meio da ficção. Percebe-se nesse ponto um terreno fértil e propício à ação escolar, que se limita muitas vezes à reprodução de um modelo que historicamente não alcançou êxito na formação de leitores.

Qual seria o papel da escola diante desses fatos? Um poema de Drummond retrata um pouco mais de minhas proposições sobre a questão:

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

Ao reler este poema, comecei a refletir sobre os encontros e desencontros a que estamos sujeitos ao longo de nossa vida.

Somos produto de uma trajetória de encontros e desencontros de pessoas, de sonhos, de objetivos. Há encontros devidamente programados, arquitetados, há outros que ocorrem ocasionalmente. Há alguns que, por motivos diversos, jamais irão acontecer.

Onde entraria a Literatura? Percebi que temos na escola o que precisamos para promover um encontro: um espaço para a Literatura no currículo; professores formados; livros; alunos. Todavia fiquei pensando por que, mesmo com esses elementos, o encontro insiste em não acontecer em muitos casos. Não creio que todos sejam igual a Lili, que não amava ninguém, e que, talvez, nem sentia falta desse encontro. Ou como a Teresa, que se fechou em um convento e trancou as portas para viver outras experiências. Ou como Joaquim, que se suicidou e levou consigo suas agonias, seus sonhos, seus anseios, desistindo de realizá-los. Por outro lado, J. Pinto Fernandes, que sequer participava da história, parece ter conquistado Lili, que até então não amava ninguém. E foi esse encontro que alterou o enredo trágico do poema.

Promover pequenos encontros como este está ao alcance da escola; proporcionar aos jovens momentos lúdicos, de envolvimento com a ficção e com os sonhos, e levá-los a refletir sobre o seu papel no mundo pode, sim, alterar trajetórias até então trilhadas. Motivar o encontro do saber científico escolarizado com as experiências e visões de mundo dos sujeitos, pode levá-los a compreender não apenas como as coisas são, mas como elas são sentidas.

Firmar a incompressibilidade da Literatura para homens e mulheres, como o fez Antônio Cândido (1995), seria assumi-la como um bem indispensável, do qual a sociedade, ao tomar posse e fazer os seus usos, produziria uma geração mais humana e sensível.

Haveria um certo ar de utopia nessa crença: acreditar em macro mudanças até então não alcançadas sequer por lideranças bem intencionadas, campanhas sociais, instituições religiosas, e, também, por instituições educativas? A convivência com jovens leitores que confirmam o poder humanizador da Literatura mostrou-me que há pequenos grupos isolados que acreditam nessas mudanças, inclusive via Literatura. Existem partes do todo que se articulam, que se movem e às vezes se encontram, formando grupos em potencial, que a partir da experiência literária, tendem a refletir sobre questões sociais e individuais, produzir novos discursos e, por conseguinte, novas realidades. São fatos que podem continuar invisíveis para muitos, inclusive para a escola, pois os seus resultados ainda não são sentidos em uma esfera macro, sequer são descobertos em alguns casos. Logo, poderia pensar que diferença faria para a sociedade saber da existência desses grupos? Que boas novas eles poderiam anunciar em dias tão turbulentos? Seria realmente indispensável viver sem Literatura? Seria utopia considerá-la um instrumento para se produzir uma geração mais humana e sensível?

A reflexão que por hora se encerra, parte da convicção certo dia declarada por Jorge Amado: " Eu continuo firmemente pensando em modificar o mundo e acho que a literatura tem uma grande importância."

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Emília; FERREIRA, Mauro; LEITE, Ricardo; ANTÔNIO, Severiano. **Novas Palavras, literatura, gramática e redação**. Volume único. São Paulo: FTD, 2000.

BAKHTIN, M. **Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec. Brasília, 1999.

_____. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRAGA, Alessandro Eloy. **O professor e o ensino de literatura em escolas de ensino médio: uma avaliação da prática por professores e estudantes**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2001.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

CHARTIER, Roger (Org) (1996). **Práticas da leitura**. São Paulo. Estação Liberdade. Prefácio.

CORTAZA, Julio. **Final do jogo**. Trad. Remy Gorja Filho. Rio de Janeiro, Ed. Expressão e Cultura, 1971.

FARACO, C. A. **Área de Linguagem: algumas contribuições para sua organização**. In: KUENZER, A. (org.) Ensino médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Português: língua e cultura**. Curitiba: Base, 2003.

_____. **Linguagem & diálogo**: as idéias lingüísticas de Bakhtin. Curitiba: Criar, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SCHIAVON, Genoveva Maria Lage de Carvalho. **A ascensão da cultura e o livro didático de literatura no ensino**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2001.